

Atílio Muhai

As Aventuras de Bebito: Entre Risos e Mistérios

atiliomuhai@gmail.com

(+258) 847332243

Maputo, Janeiro de 2025

Sobre o autor



Licenciado em História pela Universidade Eduardo Mondlane com orientação para o ensino, com ampla experiência na assessoria de estudantes universitários na escrita académica. Investigador e escritor de artigos científicos, com cerca de seis artigos publicados na internet em diferentes áreas do conhecimento. Diretor-geral da ATH Consultoria & Serviços, Lda, fundador e presidente da Associação Moçambicana de Segurança Alimentar e Nutricional (AMOSAN). Palestrante e activista social pela segurança alimentar.

ÍNDICE

Nota do autor	1
Bebito e a Burla das Latas.....	3
Bebito e o Carvão da N1.....	7
Bebito e o Cesto Misterioso.....	10
Bebito e o Tesouro Malcheiroso	12
Bebito e Zunguza: Os Beatles do Vinho Vida.....	15
Bebito no Mercado Mandela.....	17
Bebito no Mercado Mandela - Parte II: O Show Continua.....	20
Bebito, a BMX e o Golpe do Cágado.....	22
Bebito e Aventuras Étílicas do Final do Ano.....	25
Bebito e o Plano do Metical Milagroso.....	27
Bebito e o Plano Maluco da Cervejada	29
Bebito e a Noite do Juízo Torto.....	31
De Bebedeiras a Orações: A Alegre Aventura de Bebito e Zunguza	33
Bebito foi longe demais: uma festa para rir e aprender	35

Nota do autor

Bebito não é apenas um personagem; ele é uma verdadeira lenda das ruas, mercados e outros lugares onde a vida quotidiana encontra o extraordinário. Com seu jeitão irreverente, acções imprevisíveis e uma criatividade que parece não ter limites, Bebito transforma cada momento em uma história digna de ser contada. Nesta obra, “As Aventuras de Bebito: Entre Risos e Mistérios”, mergulharemos no universo único desse anti-herói que, entre erros e acertos, nos ensina que a vida é melhor vivida com humor e coragem.

Através de uma série de episódios engraçados e intrigantes, Bebito nos convida a acompanhá-lo em suas andanças. Em “Bebito e a Burla das Latas”, vemos como sua esperteza – ou falta dela – o coloca em situações cómicas, ao tentar driblar um esquema que envolve simples latas, mas resulta em um embaraço memorável. Já em “Bebito e o Carvão da N1”, ele se depara com um contrabando peculiar que mistura fumaça, engano e confusão na estrada.

Os mistérios se aprofundam em “Bebito e o Cesto Misterioso”, onde um objecto aparentemente comum carrega segredos que ninguém imaginava. Em “Bebito e o Tesouro Malcheiroso”, o humor ácido e as situações absurdas ganham destaque, enquanto ele descobre que nem tudo que reluz é ouro – e nem tudo que cheira mal é lixo.

Atravessando mercados caóticos e encontros improváveis, Bebito ainda encontra tempo para uma dose de música e diversão em “Bebito e Zunguza: Os Beatles do Vinho Vida”, mostrando que a amizade e a criatividade podem transformar até as situações mais comuns em um verdadeiro show. E por falar em mercados, não poderia faltar sua icónica passagem pelo “Mercado Mandela”, onde suas aventuras ganham proporções ainda maiores, culminando em uma sequência inesquecível com “O Show Continua”.

Mas Bebito não é só risadas. Ele também nos mostra que, mesmo nos momentos mais atrapalhados, há espaço para a reflexão. Em “Bebito, a BMX e o Golpe do Cágado”, por

exemplo, aprendemos que nem sempre é fácil equilibrar ousadia e prudência. Suas “Aventuras Étílicas do Final do Ano” nos lembram que celebrações são melhores quando compartilhadas, mas que o excesso pode levar a situações hilariantemente desastrosas.

Os esquemas mirabolantes de Bebito também têm seu espaço na narrativa, com “O Plano do Metical Milagroso” e “O Plano Maluco da Cervejada” trazendo tramas que só poderiam surgir de sua mente inquieta. E, claro, não podemos esquecer “A Noite do Juízo Torto”, uma odisseia noturna que mistura suspense e comédia em doses generosas.

Por fim, em “De Bebedeiras a Orações: A Alegre Aventura de Bebito e Zunguza” e “Bebito foi longe demais: uma festa para rir e aprender”, percebemos que, apesar de todos os tropeços, Bebito sempre encontra um jeito de se reinventar, arrancando gargalhadas e reflexões de todos que cruzam seu caminho.

“As Aventuras de Bebito: Entre Risos e Mistérios” é mais do que um livro; é um convite para ver a vida através de um olhar que mistura humor, curiosidade e uma dose irresistível de caos. Ao virar cada página, você descobrirá que, no mundo de Bebito, o improvável é a regra e o tímido sorriso de hoje pode se transformar em uma gargalhada incontrolável amanhã.

Bebito e a Burla das Latas

Bebito e Zunguza eram amigos inseparáveis. Desde pequenos, eles sonhavam em ser empreendedores, especialmente para comprar suas próprias bugigangas sem depender dos pais. Um dia, Bebito, cheio de ideias brilhantes, propôs:

— Que tal abriremos um negócio?

Zunguza, com aquele sorriso de quem só espera confusão, respondeu:

— Tô dentro, Bebito! Mas... que tipo de negócio?

Bebito, todo empolgado, já tinha uma ideia na ponta da língua:

— Vamos vender refrescos em lata!

Zunguza nem pensou duas vezes. A ideia parecia incrível! Começaram a juntar dinheiro com pequenos "biscates" até que, finalmente, conseguiram a quantia para dar o pontapé inicial no seu empreendimento refrescante. Eles compravam latas de refrigerante no Mercado Estrela Vermelha e revendiam no bairro.

Certo dia, voltando carregados com pastas cheias de latas, desceram na parada de sempre quando foram abordados por um homem curioso:

— O que vocês estão carregando nessas pastas?

Bebito, com aquele ar de quem sempre tem a resposta na ponta da língua, soltou:

— São refrescos em lata! Estamos vendendo, quer comprar?

O homem sorriu e disse:

— Tenho uma barraca no mercado. Será que vocês têm uma caixa de Coca-Cola pra
me vender?

Bebito souou frio. Ele sabia que não tinha uma caixa inteira de Coca-Cola, porque eles

misturavam as marcas pra agradar todo tipo de cliente. Mas, vendo a oportunidade de vender uma caixa de uma vez, ele virou para Zunguza e disse:

— Zunguza, faz o seguinte: me dá as tuas latas de Coca-Cola pra eu completar a caixa e vender. Em troca, te dou as outras marcas, e depois te ajudo a vender.

Zunguza, confiante como sempre, aceitou o plano. Afinal, Bebito era o cérebro da operação.

O senhor, então, convidou os dois para irem até sua barraca. Zunguza, sugeriu: — Bebito, vou deixar minhas latas numa casa conhecida e depois te ajudo a carregar as tuas.

Lá foram eles, largando metade dos refrescos pelo caminho e partindo rumo à tal barraca.

Enquanto caminhavam, Bebito já tramava:

— Ah, Zunguza... esse meu amigo acha mesmo que depois de eu vender esses refrescos vou ajudá-lo a vender os dele? Tá sonhando! Depois daqui, vou é descansar! Amanhã cedo vou sozinho ao mercado comprar mais latas!

Chegando no mercado, o senhor mandou os dois pararem em frente a uma barraca e entrou para falar com a vendedora. Quando voltou, anunciou:

— Viram bem aquela barraca?

Bebito, cheio de orgulho, respondeu:

— Sim, vimos!

O senhor continuou:

— Aquela senhora é minha esposa, mas os refrescos não vou deixar ali, não. Vou levar pra outra barraca, porque ainda tem bastante lá. Mas façam o seguinte: me ajudem a

levar a pasta até a paragem. Vocês voltam e pegam o dinheiro com minha esposa e, quanto à pasta, podem buscar amanhã.

Bebito, já sonhando com o lucro, nem pestanejou:

— Com certeza, senhor!

E lá foram eles, carregando as pasta até a paragem. O senhor pegou o primeiro chapa que apareceu e partiu, sem nem perguntar para onde ia o chapa. Bebito, confiante, olhou para

Zunguza:

— Agora vamos buscar o dinheiro com a esposa dele!

De volta à barraca, Bebito chegou cheio de moral:

— Boa tarde, já chegamos para pegar o pagamento!

A senhora olhou para eles, sorriu e... entregou duas pastilhas.

Bebito, confuso, perguntou:

— E o dinheiro?

A senhora, ainda mais confusa, respondeu:

— Dinheiro? Dinheiro de quê?

Bebito, já sentindo a confusão se formar, disse:

— Dos refrescos que o seu marido levou para outra barraca!

Foi então que a senhora soltou a bomba:

— Aquele senhor não é meu marido! Ele só comprou essas duas pastilhas e disse que vocês viriam buscar.

Bebito ficou de boca aberta, sem palavras. Zunguza olhou para ele, esperando uma solução. Mas era tarde demais... a burla estava completa, e eles haviam sido passados pra trás com estilo!

Bebito e o Carvão da N1

Nos anos 90, Bebito trabalhava como motorista em uma empresa de transporte. Ele viajava por todo o país, carregando mercadorias de um canto para o outro. Era uma época difícil: Moçambique ainda se recuperava da Guerra Civil, que durou 16 anos e só terminou em 1992, com o **Acordo Geral de Paz** entre a RENAMO e a FRELIMO. Mas Bebito, como bom homem de estrada, só queria saber de uma coisa: levar as mercadorias e, claro, fazer uns “favores” pelo caminho.

Sempre que fazia uma viagem, ele se lembrava do seu grande amigo Zunguza. Era uma amizade dessas que, no fundo, não precisava de muito. Um ajudava o outro naquilo que dava: "Ah, Zunguza precisa de carvão? “Ya, eu levo!”. E foi exactamente o que Bebito pensou quando, numa de suas viagens, a esposa o lembrou que o carvão estava acabando em casa.

Na sua mente, tudo se encaixava. “Ah, eu vou comprar carvão pra casa e ainda levo um saco pro Zunguza!” Era o tipo de homem que não deixava ninguém na mão. No trajecto de Inhambane para Gaza, ele viu o paraíso: um monte de sacos de carvão na beira da estrada, em plena N1, como se fosse um convite directo para ele. Ele travou o caminhão, deu duas buzinas e esperou. Ninguém apareceu. E, claro, a cabeça de Bebito começou a funcionar – e quando Bebito começa a pensar, meu amigo, é melhor sair de perto!

"Ninguém está por aqui... Então, o que eu faço?", pensou ele. "Vou pegar dois sacos e vou embora. Melhor ainda: pego dois sacos e ainda vou deixar meu amigo Zunguza feliz." Bebito riu sozinho, orgulhoso da sua ideia brilhante. Ele não pensou duas vezes: pegou os dois sacos e acelerou! E o carvão? Ah, o carvão ia dar conta de tudo!

Chegando em Maputo, Bebito fez a boa acção do dia: passou primeiro na casa de Zunguza, descarregou um saco de carvão e seguiu para a sua casa. Por mais que usassem, o carvão nunca parecia acabar. “Mas como é possível?”, pensou a sogra de Zunguza, uma mulher cheia de sabedoria (e, claro, com um radar afiado para qualquer

estranho). Depois de meses vendo o carvão "não acabar", ela se aproximou de Zunguza e perguntou:

–“Filho, onde você comprou esse carvão?”

Zunguza, mais desconfiado que um gato em dia de banho, respondeu a pergunta com outra pergunta: – “Por que, sogra?”

– “Porque já fazem seis meses que temos esse saco de carvão e ele não acaba! Estou começando a achar que ele é feito de... magia!”

Zunguza arregalou os olhos. Não, não era magia – era o espírito de Bebito! A verdade é que o homem tinha dado a Zunguza carvão “eterno” sem nem saber. Preocupado, Zunguza foi atrás de Bebito e perguntou:

– “Onde foi que você comprou esse carvão? Minha sogra está desconfiada!”

Bebito, sem entender o drama, teve um lampejo de ideia e pensou: “Ah, vou resolver isso rapidinho. Vou lá no local e pago o que devo. Simples assim!”. Ele voltou ao lugar onde tinha pegado o carvão, determinado a resolver tudo com a maior cara sem vergonha.

Chegando lá, ele encontrou um velho parado na porta. Antes mesmo de Bebito abrir a boca, o velho disse, sorrindo:

–“Eu sabia que você voltaria! Estava esperando por ti.”

Bebito, completamente sem palavras, respondeu:

–“Estou aqui para pagar os dois sacos de carvão que peguei sem pagar... há seis meses.”

O velho soltou uma gargalhada, daqueles risos que fazem alguém sentir que é o “parvo do bairro”. Ele olhou para o caminhão de Bebito e disse:

– “Olha lá dentro do seu caminhão, meu amigo!”

Bebito espiou e quase caiu pra trás: havia 12 sacos vazios no caminhão. Doze! Ele havia pegado mais carvão do que imaginava. O velho, com um sorriso de quem já sabia de tudo, completou:

– “Agora você vai pagar todos esses sacos. Porque, durante esses seis meses, cada família usou, pelo menos, seis sacos do meu carvão.”

Bebito quase desmaiou de tanto espanto. Ele pensou que estava só levando dois sacos, mas no fim, estava carregando uma “minera de carvão”! Aquele velho, com a paciência de um bom samaritano, estava apenas esperando o momento certo para cobrar.

E foi assim que Bebito aprendeu a lição: nunca subestime o poder de um saco de carvão e sempre tenha certeza de que pagou antes de sair com o carregamento. Afinal, o carvão de Zunguza e da sua sogra não acabava nunca!

Bebito e o Cesto Misterioso

Era 1983 em Moçambique, tempos difíceis de seca, guerra e, para alguns como Bebito, tempos de *criatividade forçada*. A fome apertava, mas a cabeça de Bebito fervilhava com planos mirabolantes. Ele era ajudante numa transportadora que fazia o trajecto Maputo–Inhambane e, além de carregar malas, carregava a fama de mulherengo. Em cada vila onde o machimbombo parava, Bebito tinha uma “querida” à espera.

A vida de Bebito era um jogo de equilíbrio: como agradar as amantes com um salário que mal dava para comprar mandioca? A solução? Uma mente cheia de malandragem! Bebito era um mestre em identificar bagagens carregadas de comida. Pães, açúcar, feijão — tudo virava “doação carinhosa” para suas namoradas, enquanto ele sempre tinha uma desculpa convincente para qualquer bagagem desaparecida.

Mas um dia, o jogo virou.

Naquele dia fatal, Bebito avistou o *cesto dos seus sonhos*: grande, bem recheado e, na cabeça dele, destinado à sua “querida” da Manhiça. Mal o machimbombo parou na vila, ele fez sua mágica. Com a habilidade de um mágico, o cesto sumiu das vistas de todos e apareceu, como por encanto, nas mãos da mãe da amante, que veio buscar o “agrado” em nome da filha.

Missão cumprida, pensou Bebito, com aquele sorriso malandro no rosto.

Mal ele sabia que o cesto era um presente... do destino.

A Descoberta Chocante

Horas depois, já na província de Gaza, uma senhora gritou do fundo do machimbombo: “Paragem! Paragem! Minha bagagem desapareceu!”

Bebito, com seu ar de inocência ensaiada, soprou o apito para o motorista parar e respondeu à passageira com a maior cara de pau:

“Deve ter sido alguém lá na Manhiça que confundiu com outra bagagem.”

A mulher, aflita, chorava sem parar. Mas, para Bebito, o caso estava encerrado. Afinal, o cesto já estava entregue.

Enquanto isso, na casa da amante da Manhiça, a mãe dela desembulhava os “presentes”. Ao retirar os itens um por um, percebeu algo estranho no fundo do cesto. E então, o choque: havia uma criança morta, cuidadosamente acomodada entre os produtos.

A mulher soltou um grito tão alto que até os galos da vila se assustaram. A filha correu para ver o que estava acontecendo e, ao saber da história, conectou os pontos. Não demorou muito para que as duas fossem às autoridades com o caso. Bebito estava encrencado.

A Justa Recompensa

Na esquadra, Bebito, sempre esperto, tentou se justificar:

“Eu só quis ajudar, juro! Achei que era comida para... sustentar o amor.”

O inspetor de polícia, segurando o riso, respondeu:

“Parece que o amor agora vai te sustentar na cela.”

A notícia de Bebito e o “cesto misterioso” se espalhou como fogo em palha seca. O machimbombo virou palco de risadas, e até as amantes ficaram famosas. Bebito aprendeu da pior forma que nem toda bagagem é o que parece e que a honestidade sempre é o melhor caminho — especialmente quando há cadáveres envolvidos.

E assim, Bebito se tornou uma lenda local, um exemplo vivo de que malandragem pode até parecer esperteza, mas o preço a pagar pode ser bem mais alto do que imaginamos.

Bebito e o Tesouro Malcheiroso

Bebito, o ajudante de caminhão mais empolgado de Maputo, tinha um jeito único de transformar qualquer viagem numa aventura inesquecível. Trabalhando com seu fiel colega e motorista, Zunguza, ele passava dias na estrada transportando mercadorias por Moçambique. Entre eles havia uma amizade que, embora forte, era constantemente testada pelas ideias extravagantes de Bebito.

Certo dia, estavam a caminho da província de Tete em uma longa viagem. Bebito decidiu que ia transformar o caminhão numa verdadeira despensa ambulante. Começou a comprar tudo que via: laranjas, amendoins torrados, castanhas, sumos, leite e mais uma lista interminável de petiscos. Desde a saída de Maputo até a chegada, ele mastigava sem parar, como se estivesse competindo com o próprio estômago.

Mas como a vida é justa, a festa culinária de Bebito teve consequências. Quando faltavam cerca de duas horas para chegar ao destino, ele não aguentou mais e pediu para Zunguza parar o caminhão.

— Para, mano! Não dá mais! Tenho que resolver um assunto urgente!

Zunguza, cansado mas solidário, estacionou o caminhão. Bebito saiu em disparada para o matagal mais próximo, movido pela urgência que só quem exagerou nos amendoins e sumos conhece. Em questão de segundos, ele já estava abaixando as calças numa velocidade digna de um recorde mundial.

Depois de trinta minutos “trabalhando”, Bebito voltou ao caminhão, com a cara de quem tinha aliviado um peso monumental. Zunguza, exausto, havia cochilado enquanto esperava. Quando Bebito entrou na cabine, Zunguza ligou o caminhão e seguiram viagem. Mas, de repente, um cheiro estranho tomou conta do ambiente.

— Ai... O que é isso?! Deve ser o chulé do Bebito! — pensou Zunguza, tentando ignorar o incômodo.

No entanto, o cheiro persistia e se intensificava a cada quilómetro. Sem conseguir mais se segurar, Zunguza perguntou:

— Olha aqui, ó Bebito, que cheiro é esse? Não estou a aguentar, meu irmão!

Com um sorriso sem graça, Bebito respondeu:

— São minhas fezes!

Zunguza quase perdeu o controle do volante.

— Tu estás a brincar comigo, não é? Como assim tu trouxeste isso aqui? Não podia ter deixado no mato?

Bebito, cheio de confiança na sua lógica peculiar, explicou:

— Não podia deixar lá. Alguém podia usar minhas coisas para fazer macumba contra mim. Preciso levar para Maputo e descartar com segurança.

Zunguza, incrédulo e quase desmaiando com o cheiro, insistiu:

— Mas precisava trazer isso para a cabine? Por que não colocaste na bagageira?

Bebito respondeu como se fosse a coisa mais óbvia do mundo:

— Na bagageira eu não ia ter controle. Aqui eu posso vigiar e garantir que nada vai desaparecer.

Sem opções, Zunguza ordenou que Bebito colocasse o "tesouro" na bagageira. Mesmo assim, Bebito, desconfiado, ficava espreitando pela janela a cada cinco minutos para garantir que tudo estava no lugar.

Quando finalmente chegaram ao destino, Zunguza nem esperou o camião parar direito e saltou para tomar ar fresco. Bebito, por sua vez, correu para conferir sua preciosa encomenda, garantindo que nada estava fora do lugar. Mas a aventura ainda não tinha

acabado. Depois de descarregar o caminhão, Bebito teve que pegar transporte público para casa, carregando sua "bagagem especial".

Dentro do machimbombo, o cheiro começou a incomodar os outros passageiros. Murmúrios e murmúrios se espalharam, até que um corajoso perguntou:

— Ei, quem trouxe um porco morto aqui dentro?

Bebito, sem perder a pose, respondeu:

— Não é porco. é uma encomenda muito importante.

Ao chegar em casa, finalmente se desfez do "tesouro" com todo o ritual que achou necessário, aliviando não apenas a si mesmo, mas também todas as pessoas que cruzaram seu caminho naquele dia.

Bebito e Zunguza: Os Beatles do Vinho Vida

Bebito e Zunguza eram amigos inseparáveis desde que aprenderam a atar os calçados (e Zunguza demorou um pouco mais para pegar o jeito). Os dois eram crentes fervorosos, conhecidos na igreja como “os irmãos pontuais”, porque nem mesmo um furacão os impediria de aparecer no culto. Aliás, dizem que, numa manhã chuvosa, eles foram os únicos na igreja — só eles, o pastor e a goteira do tecto.

Certo dia, a igreja decidiu inovar: contratou professores de música para ensinar a juventude a manusear instrumentos musicais. Bebito, que sonhava ser o novo Jimmy Hendrix gospel, inscreveu-se para guitarra. Já Zunguza, com seu espírito refinado, foi de piano. Em pouco tempo, a igreja já vibrava com os acordes improvisados dos dois amigos, que se consideravam os “Beatles de Cristo”.

Mas a vida dá voltas, e Bebito precisou ir estudar na cidade de Maputo. Sua tia generosa o convidou para morar com ela e facilitou sua rotina. De segunda a sexta, ele era um jovem dedicado na cidade grande, mas, aos fins de semana, voltava para sua zona com histórias, novidades e, eventualmente, algumas... influências questionáveis.

Foi numa dessas idas e vindas que Bebito descobriu o **vinho vida**. Para quem não conhece, era um vinho barato, embalado em pacotes triangulares de meio litro, onipresente nos anos 90 em Maputo. Segundo a lenda urbana, o “triângulo do vinho vida” tinha poderes especiais: em pequenas doses, estimulava conversas engraçadas; em doses maiores, fazia você ouvir música onde havia apenas silêncio.

Certo domingo, Bebito acordou animado e foi até a casa de Zunguza com uma ideia “revolucionária”:

— Zunguza, hoje é nosso dia de brilhar! Trouxe aqui um estimulante. Vamos tomar isso e fazer a igreja vibrar. Hoje seremos os **Beatles religiosos!**

Zunguza, sempre com um pé na malandragem, aceitou sem pensar muito. Foram os dois para um lugar escondido. Bebito, perito em abrir pacotes triangulares, despachou o primeiro em dois goles, enquanto Zunguza encarava o dele como se fosse remédio.

— Anda logo, Zunguza! Vais atrasar o culto. Dá cá isso que eu te ajudo.

E, num piscar de olhos, Bebito terminou o pacote do amigo também.

Com o “estimulante” devidamente ingerido, rumaram à igreja, mas chegaram atrasados. O pastor, já acostumado com imprevistos, escalou outro grupo para tocar. Sem escolha, Bebito e Zunguza sentaram no último banco.

Tudo estava indo bem até que o pastor pediu para a igreja ficar de pé para uma oração longa, daquelas que desafiam até os mais pacientes. Foi aí que o **vinho vida** mostrou seus efeitos: enquanto todos oravam fervorosamente, Bebito começou a roncar como um motor de trator.

Uma irmã, preocupada, cutucou Zunguza:

— Seu amigo está bem?

— Ele está... doente, sim! — respondeu Zunguza, improvisando.

Antes que a situação piorasse, Zunguza puxou Bebito para fora da igreja, com um sorriso sem graça. A caminho de casa, os dois concordaram: talvez fosse melhor deixar as aventuras etílicas de lado e manter o foco nos ensaios. Afinal, ser um “Beatle” religioso exige, no mínimo, estar acordado!

Bebito no Mercado Mandela

Bebito e Zunguza eram colegas de trabalho e vizinhos na zona do Trevo, lá nos arredores da Matola. Todo dia, de segunda a sexta, os dois acordavam cedo para pegar o "chapa" e descer até a Baixa de Maputo, onde trabalhavam. O ritual do almoço era sagrado: barracas do mercado Mandela, como outros tantos trabalhadores que trabalham nas bandas da Baixa.

Isso foi nos anos 90, quando os salários vinham no clássico envelope, directo das mãos dos Recursos Humanos. Nada de banco, era só você e o seu "saldinho" em notas. Num desses dias, já na véspera de receber o salário, Bebito lançou uma ideia genial para seu parceiro Zunguza:

— Olha, camarada, o mês está quase a acabar...

— Sim, e daí? — retrucou Zunguza, sem muito entusiasmo.

— Tenho uma ideia BRILHANTE para a malta!

— Que ideia? — Zunguza, já desconfiado, quis saber.

— Este mês, vamos dar um agrado ao nosso corpo guerreiro! O salário cai na sexta-feira, e vamos directo pro Mandela. Vamos reunir a malta e tomar uns copos!

Zunguza, que já conhecia as "ideias brilhantes" de Bebito, riu e aceitou o plano.

Quando chegou a esperada sexta-feira, a turma toda foi convocada para o RH pegar o salário. Bebito, com o envelope na mão, deu aquela piscadela para Zunguza, do tipo "não se esqueça, hein!". Às 17h30, os dois já estavam no ponto de encontro, acompanhados de mais dois colegas de serviço.

A intenção inicial? Só uns dois copos e depois cada um para a sua casa. Mas, claro, Bebito tinha uma cabeça cheia de planos (nem sempre bons). Enquanto todos discutiam as notícias e falavam da vida, Bebito já estava com outra ideia na mente:

— Hoje é hoje, só saio daqui depois de me acertar com a Jéssica! — pensou ele.

Depois das rodadas combinadas, os dois colegas que sobraram se despediram. Já estavam satisfeitos, e Bebito e Zunguza se preparavam para partir. Ou melhor, Zunguza achava que iam partir. Bebito, malandro, chamou:

— Amigo, uma última rodada, por minha conta! — Zunguza, que já pensava no caminho pra casa, suspirou, mas aceitou.

Enquanto Zunguza bebia de forma disciplinada, Bebito só pensava no próximo passo do seu "plano Jéssica". Uma hora depois, Zunguza começou a insistir:

— Bebito, vamos embora, né? Já está tarde.

— Claro, claro, vamos. — Bebito respondeu com uma tranquilidade suspeita.

Chegaram na paragem da Guerra Popular. Já era por volta das 20h, e a paragem estava um caos, lotada de gente querendo ir para casa. De repente, surge um "chapa", e Bebito, como o bom amigo que era, empurrou Zunguza para dentro com uma força digna de quem está salvando uma criança desamparada. Zunguza nem teve tempo de reagir, já estava dentro do chapa, apertado entre os outros passageiros.

Bebito, por outro lado, ficou na paragem, deixando a multidão passar e dando risada sozinho: — Kakaka, esse Zunguza pensou MESMO que eu ia pra casa antes de ver a Jéssica?

E lá foi Bebito, de volta ao mercado Mandela. Ele estava com o envelope do salário, era o dono da noite! Bebida pra cá, conversa pra lá, Bebito dominava o mercado como um rei naquela sexta-feira.

No dia seguinte, sábado bem cedo, Zunguza foi para a Baixa fazer umas compras. Quando desceu na sua paragem habitual, avistou alguém caído no chão. A curiosidade o venceu, e ele foi ver quem era. Aproximando-se, viu algo familiar: era Bebito, estirado no chão, sem calças, sem sapatos e, claro, sem envelope!

Zunguza balançou a cabeça, deu um suspiro e pensou: "Esse Bebito nunca muda..."

Bebito no Mercado Mandela - Parte II: O Show Continua

Depois de Zunguza encontrar Bebito estatelado no passeio da Guerra Popular, como se fosse uma obra de arte moderna, ele decidiu: "Não posso deixar meu amigo nesta situação!" Com um movimento digno de super-herói, levantou Bebito e o levou até uma esquina para um banho rápido. Logo em seguida, como o amigo camarada que é, Zunguza fez uma corrida e voltou com um par de sandálias e um fato de treino — provavelmente tentando esconder as "macaquices" que Bebito tinha aprontado na noite anterior.

Bebito, devidamente camuflado, foi convidado a uma sopa. Enquanto Bebito sorvia o caldo da vida, ele usou seus poderes de persuasão (que só aparecem em momentos de crise) para convencer Zunguza a emprestar-lhe algum dinheiro — ou, como ele disse, "um cartão de visita" para poder entrar em casa com dignidade. Zunguza, sem hesitar, abriu a carteira e lançou umas notas como se estivesse jogando pétalas de rosa no caminho de um rei. "Até logo, meu cara", disse ele, enquanto ia fazer suas compras com a tranquilidade de quem acabou de cumprir uma missão.

Mas Bebito, ah, Bebito! Agora sozinho, começou a pensar: "Fiz umas boas macaquices ontem, e agora, como entro em casa sem causar um terremoto familiar?" O cérebro de Bebito estava a todo vapor, até que, como um relâmpago de genialidade, teve uma ideia: "Com esse trocado do Zunguza, vou passar na loja do indiano e ver o que posso fazer."

Chegando à loja, Bebito se deparou com um dilema: "Comprar ou não comprar, eis a questão!" Após muitos cálculos mentais, ele teve um ideia brilhante: "E se eu comprar um saco de milho? Quem pode dizer não a 50 quilos de pura segurança alimentar?" Cinco minutos depois, ele estava lá, todo pomposo, pedindo um saco de 50 quilos de milho, que, sem dúvidas, parecia uma boa ideia no momento.

Mas, sem um txova para carregar, Bebito fez o que qualquer homem destemido faria: pôs o saco de 50 quilos na cabeça e marchou em direcção à casa, parecendo um tropa. Chegando ao portão, lá estava sua esposa, com os braços cruzados e um olhar que dizia: "Descarrega esse saco e vem cá me contar toda a novela."

Bebito, suado e exausto, largou o saco no chão como se estivesse largando o peso do mundo. Mas agora vinha a parte mais difícil: explicar a situação. Ele ficou ali, parado, em silêncio, como uma criança que sabe que fez besteira, tentando encontrar as palavras certas. A esposa, claro, estava ali esperando, parecendo uma juíza prestes a proferir a sentença.

Então, Bebito, reunindo toda a coragem que lhe restava, começou: "Olha, amor... eu não voltei ontem porque... entrou um caminhão com produtos no serviço, e tivemos que descarregar tudo." A esposa, calada, olhava para ele como se estivesse assistindo a uma comédia ao vivo. Ela não estava atrás de histórias sobre caminhões; ela queria saber onde estava o "envelope" desaparecido. Mas Bebito seguiu firme: "Essas roupas, são do meu amigo, as minhas... bem, ficaram no serviço porque... ficaram sujas."

A esposa, em silêncio, continuava olhando para ele, sem piscar. E então, Bebito soltou sua última jogada: "Ah, e o salário deste mês... não veio. Mas o patrão, muito generoso, nos deu um saco de milho como compensação!" Nesse ponto, a esposa o encarava com aquela expressão de "Você acha que eu nasci ontem?"

Bebito, percebendo que estava prestes a perder a batalha, tentou um golpe final: "Amor, temos que agradecer a Deus! Consegui milho branco! Tem colegas meus que só conseguiram milho amarelo." E, claro, naquele exato momento, a esposa do Bebito estava voltando da casa de Zunguza... onde, provavelmente, já tinha ouvido a verdadeira história!

Bebito, a BMX e o Golpe do Cágado

Durante a adolescência, Bebito era um verdadeiro atrapalhado, daqueles que não param quietos nem por um segundo. Ele tinha uma habilidade especial para mexer em tudo e, claro, estragar tudo. Além disso, Bebito não tinha medo de pegar coisas alheias. Um dia, numa dessas aventuras, ele saiu de casa logo cedo, afinal, era sábado, dia livre.

Depois de dar voltas e mais voltas pelo quarteirão, como se tivesse perdido o juízo (ou alguma coisa), Bebito encontrou Zunguza, seu amigo, que estava mais radiante do que sol de meio-dia. O motivo? Zunguza acabara de ganhar uma bicicleta BMX novinha em folha, presente do pai que havia voltado das minas da África do Sul. Bebito, com os olhos brilhando mais que as estrelas, perguntou:

— Ó, Zunguza, de quem é essa bike?

Zunguza, todo orgulhoso, respondeu:

— É minha, Bebito! Acabei de ganhar.

— Waw! Que beleza de bicicleta! Deixa-me dar uma voltinha, só uma!

Zunguza, inocente como sempre, entregou a bicicleta para Bebito. Mal sabia ele que "uma voltinha" no dicionário de Bebito significava "sumiço". Bebito saiu pedalando como se o vento estivesse a seu favor, e Zunguza ficou lá, esperando... e esperando... até que desistiu e foi para casa, certo de que Bebito traria a bicicleta de volta. Ingênuo, coitado.

Enquanto pedalava, Bebito começou a architectar naquela sua cabeça cheia de ideias loucas: "E se eu vendesse essa bicicleta? Depois, eu volto e digo ao Zunguza que fui roubado. Assim, eu fico com o dinheiro e nós dois ficamos sem bicicleta. Brilhante ideia, Bebito! Mente genial!" E lá foi ele, pedalando rumo ao bairro Fomento na Matola, que na década de 90 era famoso... principalmente pelos assaltos.

Chegando lá, Bebito viu um adolescente saindo de uma casa com um cágado nas mãos. Sim, um cágado, a criatura mais lenta do planeta. O adolescente, ao ver Bebito, exclamou:

— Que bicicleta linda! É tua?

Bebito, cheio de ares e orgulho, respondeu:

— Sim, é minha.

O rapaz então sugeriu:

— Que tal se vendesses? Meu pai pode comprar para mim.

Bebito viu seu plano se concretizando sem nenhum esforço. Eles acertaram o preço e o miúdo disse:

— Espera só um pouco. Meu pai ainda está na cama, mas assim que ele levantar, eu te apresento a ele e ele compra a bicicleta.

Bebito, achando que estava no controle, concordou. Eles ficaram conversando como velhos amigos até que o miúdo soltou:

— Já que a bicicleta vai ser minha, que tal eu dar uma voltinha?

Bebito, confiante, aceitou. O miúdo entregou o cágado para Bebito e disse:

— Segura aqui enquanto eu dou uma voltinha.

E foi-se... e nunca mais voltou.

Bebito, ainda seguro de si, pensou: "Não faz mal, eu sei onde ele mora." Depois de tanto esperar, decidiu aproximar-se da casa e falar com o jardineiro que estava ali, cuidando das plantas.

— Bom dia, senhor! — disse Bebito.

— Bom dia, jovem! Em que posso te ajudar?

Bebito, cheio de convicção, explicou:

— O filho desta casa, que saiu com este cágado, levou minha bicicleta e ainda não voltou.

O jardineiro, com um sorriso que misturava pena e humor, respondeu:

— Jovem, aquele menino não mora aqui. Ele só estava vendendo esse cágado. Eu lhe disse para voltar mais tarde porque o patrão estava descansando.

Foi aí que Bebito sentiu o chão sumir sob seus pés. Sem bicicleta, sem plano e com um cágado nas mãos, ele ficou ali, com cara de quem acabou de descobrir que o universo tem um senso de humor peculiar.

Bebito e Aventuras Éticas do Final do Ano

Foi no distante 31 de Dezembro dos anos 90, quando os dois inseparáveis amigos, Bebito e Zunguza, decidiram enfrentar o fim do ano como autênticos guerreiros do copo. Eles não eram apenas amigos; eram uma dupla que dominava a arte de transformar qualquer ocasião em um evento digno de risadas, reflexões e, claro, uma boa dose de irresponsabilidade.

Bebito, o "patrocinador oficial" da dupla, tinha o bolso mais recheado e uma mente fervilhando de ideias — nem todas boas, mas sempre cheias de entusiasmo. Zunguza, por sua vez, era o filósofo pragmático, aquele que não contribuía financeiramente, mas compensava com conselhos sábios e uma boa dose de sarcasmo.

Naquela noite mágica, o plano inicial era simples: encontrar-se às 19h na famosa esquina de sempre, onde filosofavam sobre a vida, discutiam os mistérios do universo e, claro, tomavam um ou dois (ou cinco) copos de cerveja. Mas Bebito, com sua genialidade peculiar, teve uma outra ideia:

– Zunguza, que tal trocarmos a cerveja por vodka?

Zunguza ergueu uma sobrancelha, analisando o amigo com aquele olhar de "faça o que quiser, eu só estou aqui pelo espetáculo". Bebito, sem perder tempo, marchou até a venda mais próxima e voltou triunfante com uma garrafa reluzente de vodka — um elixir que ele acreditava ser a solução económica e eficaz para a diversão da noite.

Afastaram-se para um canto escuro, porque ninguém queria dividir o precioso "ouro líquido" com mais ninguém. Bebito, tomado por uma coragem líquida e cega, foi o primeiro a atacar a garrafa. Enquanto isso, Zunguza, o mestre das estratégias silenciosas, colocou em prática sua técnica lendária: o "gole invisível". Sempre que Bebito passava a garrafa, Zunguza fingia beber, tapando a boca da garrafa com o polegar.

O resultado? Em pouco tempo, Bebito estava falando um dialeto que nem os melhores linguistas poderiam decifrar, enquanto Zunguza permanecia tão lúcido quanto um monge em meditação.

Com Bebito cambaleando e filosofando sobre como a vodka era a melhor invenção da humanidade (melhor até que a roda, dizia ele), Zunguza percebeu que sua missão era outra: levar o amigo para casa. Foi uma jornada épica, digna de um filme de acção. Bebito, a essa altura, era uma mistura de peso morto e cantor desafinado, entoando hinos de fim de ano que ele mesmo inventava no momento.

Finalmente, às 21h, Bebito caiu na cama e entrou em um coma alcoólico que só terminaria às 18h do dia seguinte. Ele acordou com uma ressaca monumental, a voz roca e uma dúvida existencial:

– Que ano é hoje?

Bebito e o Plano do Metical Milagroso

Bebito era um homem completamente apaixonado. Ele amava Jéssica com tamanha intensidade que até os amigos, especialmente Zunguza, desconfiavam que isso beirava o obsessivo. Era comum que Bebito cancelasse encontros e abandonasse programas com os amigos só para correr ao encontro de Jéssica. "Esse rapaz está perdido!" dizia Zunguza, balançando a cabeça com pena.

Porém, como todo conto de amor, esse também encontrou sua tempestade. Um dia, um desentendimento transformou os dois pombinhos em combatentes de lados opostos. Jéssica, sem paciência para o drama, simplesmente decidiu ignorar as ligações e mensagens de Bebito. Ele, por sua vez, insistia como um verdadeiro romântico desesperado. Não adiantava. Jéssica não dava a mínima.

Com o coração partido, Bebito voltou ao convívio com os amigos. Agora, era ele quem acordava Zunguza cedo, insistindo em encontros para bater papo e esquecer a dor. "Zunguza, o amor é uma coisa complicada..." lamentava, enquanto mergulhava a bolacha no chá e deixava cair no pires por distração. Zunguza, que conhecia a maré de dramas do amigo, só ria.

Certo dia, entre um gole de chá e outro, Bebito decidiu abrir o coração: — Olha, Zunguza, a Jéssica não quer mais saber de mim. Nem atende minhas chamadas. Estou sem saída! Zunguza, com o olhar malandro, não perdeu a chance: — Bebito, tu és esperto. Como é que não consegues falar com ela? Fala sério!

Essas palavras foram como uma faísca no cérebro de Bebito. Ele estalou os dedos, olhos brilhando: — Tens razão, Zunguza! Como é que não pensei nisso antes? Jéssica é uma marandza!

Marandza, para quem não sabe, é como se chama em Moçambique quem não resiste a uma oferta ou agrado. E Bebito conhecia bem esse ponto fraco. Em minutos, ele teve uma ideia genial que, segundo ele, "não tinha como dar errado".

Ele puxou o celular, abriu o Mpesa (uma carteira móvel para transferências financeiras) e enviou para Jéssica 1 metical – o equivalente a uma moeda que não compra nem uma pastilha.

Ao receber a notificação, Jéssica ficou confusa. Ela franzia a testa olhando para a tela: — Um metical? Bebito queria enviar mil e errou, ou cem? Humm... isso não é coisa normal.

Intrigada, Jéssica ligou para ele. Mal o telefone tocou, Bebito atendeu com a voz cheia de fingida surpresa: — Ah, Jéssica! Que bom que ligaste! O que houve? — Bebito, recebi um metical teu pelo Mpesa. Foi engano?

Com o tom mais convincente que podia, Bebito explicou: — Pois é, mandei meu sobrinho enviar mil meticais para ti e depois levantar o remanescente, mas parece que ele cometeu um erro. Eu estava ocupado em casa e não conferi direito. Vou verificar o valor que ele me trouxe.

Dois minutos depois, Bebito retorna a ligação: — Tens razão, Jéssica. Ele levantou o dinheiro todo por engano. Olha, se não for incómodo, podes passar aqui para pegar o valor em espécie? Se preferires, envio novamente depois de amanhã.

Jéssica, fiel à sua marandzice, não pensou duas vezes. Em menos de meia hora, já estava na porta da casa de Bebito. Claro, ele a recebeu com um sorriso do tamanho do mundo, um papo cheio de charme e, como era esperado, conseguiram fazer as pazes.

Enquanto isso, Zunguza, ao saber da história, caía na gargalhada. — Bebito, tu és mesmo uma peça rara! Transformaste um metical numa reconciliação!

E assim, com um toque de esperteza e outro de humor, Bebito conseguiu seu final feliz, pelo menos até a próxima confusão. Moral da história: não subestime o poder de um metical bem utilizado!

Bebito e o Plano Maluco da Cervejada

Bebito, um jovem cheio de energia e dono de uma criatividade sem limites, acordou com uma ideia brilhante. Ele reuniu seu fiel grupo de amigos, que incluía Zunguza, seu inseparável confidente e estratega. Com um brilho nos olhos, Bebito anunciou sua grande ideia:

— Amigos, vamos àquela esquina de sempre tomar umas cervejas geladas!

Zunguza, sempre prático, logo perguntou:

— Bebito, quem vai pagar as rodadas?

Sem perder o rebolado, Bebito sorriu e respondeu:

— A união faz a força, meu caro Zunguza. Somos seis amigos aqui, cada um paga uma rodada. Assim todo mundo conversa e se diverte!

Os amigos adoraram a ideia e seguiram para o bar habitual. Sentaram-se ao redor de uma mesa, animados, e logo o garçom veio atendê-los. Um dos amigos abriu os trabalhos e pediu a primeira rodada. Enquanto as cervejas iam e vinham, Bebito animava o grupo com suas histórias criativas. Risadas ecoavam pelo bar.

A primeira rodada se foi, e a segunda veio. Depois a terceira, a quarta e a quinta. Quando chegou a vez de Bebito, ele percebeu que seu bolso não acompanhava sua criatividade. Então, com a sutileza de um elefante, encostou na mesa e fingiu estar dormindo. Para dar um toque realista, começou a roncar alto, como se fosse um boi no abate.

Os amigos, compreensíveis e de bom coração, decidiram não acordá-lo. Afinal, Bebito estava sempre pronto para animar a turma. Continuaram com a roda, e Bebito, vendo que a mesa estava repleta de novas cervejas, despertou miraculosamente. Pegou uma caneca e voltou à activa, como se nada tivesse acontecido.

Mas o álcool é um juiz imparcial e, desta vez, venceu Bebito. Ele tentou repetir o truque do sono, mas dessa vez o sono verdadeiro o pegou. Com a cabeça apoiada na mesa, ele mergulhou em um mundo de sonhos.

Zunguza, que conhecia bem o amigo, viu a oportunidade perfeita. Reunindo o grupo, sussurrou:

— Deixem comigo. Vamos pedir mais uma rodada, tomá-la e sair para outro lugar. Bebito que resolva a conta.

Os amigos, curiosos, aceitaram o plano. Zunguza pediu ao garçom mais uma rodada e avisou que Bebito seria o responsável pela conta. Depois de brindarem e rirem mais um pouco, levantaram-se cuidadosamente e deixaram Bebito dormindo.

Duas horas depois, Bebito acordou. Ainda meio confuso, olhou ao redor e percebeu que estava sozinho. Do outro lado do balcão, o garçom o encarava, com a conta em mãos. Bebito, com um sorriso amarelo e a cabeça batendo, percebeu que seu plano não tinha saído como esperado. Sem outra saída, pagou a conta e prometeu a si mesmo que não tentaria enganar Zunguza novamente.

A moral da história? Não adianta bancar o esperto com amigos que conhecem todas as suas artimanhas. E, claro, a união faz a força... mas também divide a conta!

Bebito e a Noite do Juízo Torto

Bebito e Zunguza eram amigos inseparáveis. Como se diz por aí, eram carne e unha. Todo dia, eles iam e voltavam do trabalho juntos, dividiam a marmita no almoço e não perdiam a oportunidade de fofocar e traçar planos mirabolantes para as sextas-feiras, sábados e domingos. Amantes de um bom copo, os dois eram conhecidos pela comunidade como os “Mestres da Ressaca”. Sempre que o salário caía, viravam homens de programação intensa: só voltavam para casa quando o sol já estava alto e a cara... bem, nem se fala!

Mas um dia, o destino resolveu dar uma sacudida na rotina de Bebito. Ele recebeu um telefonema do irmão, pedindo que passasse em sua casa. Sem saber do que se tratava, Bebito prontamente atendeu o chamado. Para sua surpresa, o irmão quis presenteá-lo com um agrado em dinheiro, fruto de um negócio em que Bebito havia sido intermediário. Aí que começaram os “problemas”.

Naquela semana, Bebito parecia outro homem. No fim do expediente, inventava desculpas esfarrapadas para se livrar do fiel companheiro Zunguza. Uma hora era o sobrinho doente no hospital, outra um irmão preso na esquadra, e até uma tia misteriosa que ele jurava viver “sei lá onde”. Claro que Zunguza, esperto como ele só, começou a desconfiar. Não demorou muito para descobrir que o amigo, na verdade, estava fazendo visitas diárias ao bar, aproveitando o “agrado” em copos sem fim.

Na sexta-feira, Zunguza já não dava mais bola para as desculpas de Bebito. Quando o colega tentou despistá-lo com mais uma história mirabolante, ele apenas riu e foi para casa sozinho. Bebito, por sua vez, foi directo ao bar. Era sexta-feira, afinal, e o homem decidiu que era dia de “matar a sede de uma semana inteira”. O problema é que a “sede” era profunda. Um copo, dois, três... quando deu por si, Bebito estava tão embriagado que o mundo girava mais que psineu de carro de corrida quando se faz a pista.

Ao sair do bar, Bebito resolveu usar os caminhos alternativos que o álcool sussurrava em seu ouvido. Depois de muita caminhada torta, ele encontrou uma casa que, na mente

embriagada, parecia idêntica à sua. A varanda era parecida, a cor era igual e até a cozinha no quintal dava aquela sensação de *jà vu*. Sem pestanejar, entrou.

Na cozinha, uma panela estava no fogo. Bebito, indignado, gritou: — Quem está cozinhando a esta hora na minha casa? Aqui não se cozinha de noite!

A dona da casa, ao ver um estranho, soltou um grito e correu pedindo socorro. Logo, a vizinhança estava em peso no local, armada com paus e instrumentos que fariam qualquer filme de zumbi parecer brincadeira. Mas, antes que o pior acontecesse, um senhor experiente percebeu a situação e sugeriu: — Este homem está claramente fora de si. Vamos trancá-lo para dormir, e amanhã resolvemos isso com calma.

A ideia foi aceita, e Bebito passou a noite trancado em um quatinho. Quando acordou, por volta das quatro da manhã, ele percebeu que não estava em casa. O tecto era estranho, as paredes também, e a memória, ah, essa nem dava sinal de vida. Desesperado, murmurou para si: — Sempre que bebo com Zunguza, chego bem em casa... Nunca mais abandono meu amigo.

Enquanto se arrependia, o tempo passava. Às seis da manhã, ouviu vozes do lado de fora: — Vamos acordar nosso visitante!

Com medo, Bebito quase fez xixi nas calças, mas reuniu coragem para enfrentar o que viesse. Ao sair, explicou-se como podia, e a comunidade, após muitas risadas, decidiu perdoá-lo. No entanto, como punição simbólica, ele teve que comprar um garrafão de vinho para todos.

Daquele dia em diante, Bebito prometeu nunca mais abandonar Zunguza. A história virou lenda no bairro, servindo como exemplo cómico e educativo: “Quem tem amigo, tem guia. Quem bebe sozinho, vira lenda.”

De Bebedeiras a Orações: A Alegre Aventura de Bebito e Zunguza

Bebito e Zunguza eram inseparáveis, uma dupla que mais parecia uma chaleira e tampa ambulante. Quando não estavam juntos, algo de errado estava acontecendo. Durante o dia, sempre compartilhavam aventuras que envolviam muita criatividade e, às vezes, confusões alegres. Mas à noite, cada um seguia para sua casa, até porque as mães deles não eram muito fãs das escapadas noturnas.

Numa sexta-feira, como de costume, os dois resolveram encontrar o grupo de amigos no bar local. A malta toda se reuniu, e os copos começaram a circular. Conversas animadas, risadas e piadas iam e vinham. Bebito, com seu jeito sempre espalhafatoso, começava a contar histórias tão absurdas que até o garçom parava para rir. Mas o tempo voava, e quando o relógio apontava para 23 horas, decidiram que era hora de voltar para casa.

Na caminhada de volta, depois de se despedirem dos outros amigos, Bebito e Zunguza iam cambaleando, mais pela falta de coordenação do que pelo sono. Eis que, no silêncio da noite, os dois ouviram cânticos vindos de uma igreja. “Uma vigília!”, exclamou Bebito, com os olhos brilhando de uma ideia repentina.

— Zunguza, amigo, é a nossa chance de conhecer umas meninas bonitas e respeitosas. Vamos entrar?

Zunguza, que conhecia muito bem as “idéias” de Bebito, tentou dissuadi-lo: — Bebito, estamos meio tortos. Melhor irmos para casa.

Mas Bebito já tinha decidido. Com um sorriso largo e o andar oscilante, declarou: — Eu vou! Se não quiser entrar, me espera aqui fora.

Zunguza, resignado, ficou do lado de fora, mas não sem antes prometer que iria observar tudo. Bebito, por sua vez, entrou na igreja, tentando parecer o mais sóbrio possível. Foi recebido por uma irmã gentil que o conduziu a um assento. Ele agradeceu com um aceno exagerado e sentou-se com um sorriso confiante. O culto prosseguia, mas na cabeça de Bebito, os copos que havia tomado continuavam girando.

O dirigente pediu que todos se levantassem para uma oração final. Bebito tentou acompanhar, mas suas pernas pareciam ter vontade própria. Com os olhos fechados e o corpo balouçando, ele finalmente perdeu o equilíbrio. Caiu com um estrondo, chutando o banco ao lado e atraindo a atenção de todos. Como se não bastasse, pegou num sono profundo ali mesmo, enquanto os fiéis olhavam perplexos.

Uma irmã gritou: — O irmão está possuído! Precisamos orar por ele!

E assim, uma corrente de oração foi formada ao redor de Bebito, que roncava tranquilamente no chão. Do lado de fora, Zunguza espiava pela janela e não conseguia conter as gargalhadas. A cena era digna de um filme de comédia. Bebito, o grande conquistador, estava no centro de um exorcismo improvisado!

Depois de quase uma hora, Bebito finalmente abriu os olhos. Ao ver o grupo de jovens orando ao seu redor, percebeu o tamanho do vexame. Envergonhado, levantou-se com dificuldade e tentou balbuciar algo como um pedido de desculpas, mas ninguém entendeu. Saiu correndo da igreja, deixando todos perplexos e Zunguza se dobrando de rir na rua.

No caminho para casa, Bebito, ainda vermelho de vergonha, olhou para o amigo e disse: — Acho que hoje Deus me deu uma lição.

E de facto, a aventura de Bebito e Zunguza nos lembra algo importante: álcool e sinceridade raramente andam juntos. Quando buscamos diversão, é importante respeitar os ambientes e as pessoas ao nosso redor. Além disso, saber rir de si mesmo é essencial — mas aprender com os erros é ainda mais importante. Afinal, até os maiores trapalhões podem aprender algo valioso de suas aventuras!

Bebito foi longe demais: uma festa para rir e aprender

Desta vez, Bebito realmente se superou. Ele e Zunguza, inseparáveis colegas de turma na universidade, sempre compartilhavam tudo. Dividiam o quarto no lar universitário e, na Manhiça, sua zona de origem, eram conhecidos como os gêmeos da amizade. Em Maputo, seguiam o mesmo padrão: estudavam juntos, organizavam trabalhos em grupo e, claro, faziam as visitas à família sempre em dueto.

Tudo ia bem até que a turma decidiu organizar uma festa. Foi um plano perfeito: cada um contribuiu com um valor e dividiu-se as tarefas. Bebito, cheio de entusiasmo, se voluntariou para comprar as bebidas. "Deixe comigo! Vou garantir que ninguém fique com sede!", disse ele, com um brilho nos olhos que indicava mais intenções do que o simples acto de ser útil.

No dia da festa, a casa do colega anfitrião parecia uma central de operações. Um grupo estava na cozinha preparando as refeições, enquanto outro cuidava da decoração e das compras. Quando as bebidas chegaram, Bebito tratou de colocá-las para gelar como se fossem tesouros preciosos. Até então, tudo transcorria em perfeita harmonia.

Porém, o problema começou quando um colega sugeriu que todos pegassem uma cerveja para passar o tempo enquanto a comida ficava pronta. Bebito, que já estava com os olhos fixos no freezer, ergueu-se e declarou: "Eu contribuí para esta festa e não vou compartilhar minha cerveja com ninguém! Cada um pegue a sua!". O silêncio tomou conta da sala. Os colegas trocaram olhares, surpresos com a atitude egoísta de Bebito.

Enquanto os demais bebericavam com moderação e bom humor, Bebito parecia estar em uma corrida contra o tempo. Era um gole atrás do outro, como se ele estivesse bebendo para compensar cada moeda que contribuiu. Zunguza, sempre atento ao amigo, já começava a imaginar onde aquilo ia parar.

Quando a hora de colocar a mesa chegou, Bebito foi o primeiro a atacar. Não houve prato ou copo que escapasse à sua fome. Refrescos, salgadinhos, tortas — nada foi

poupado. Seus colegas, entre chocados e divertidos, já estavam tratando a situação como uma atração à parte da festa.

Chegou então a hora da dança. Enquanto todos ainda pegavam o ritmo, Bebito já estava no meio da sala, balançando os braços como um maestro desajeitado. A música terminava, mas Bebito continuava dançando sozinho, gesticulando como se estivesse discutindo com alguém invisível. Era um show à parte!

Porém, minutos depois, Zunguza notou que o amigo havia desaparecido. Encontrou Bebito sentado em um canto, com os olhos vermelhos, suando e visivelmente desconfortável. Ao se aproximar, um cheiro estranho tomou conta do ar. Foi quando ele percebeu que o estômago de Bebito havia se rendido às extravagâncias do dia. Não havia mais volta: Bebito tinha protagonizado o ápice da festa — de forma nada glamourosa.

Zunguza, sempre leal, correu para ajudar o amigo. Junto com o anfitrião, levaram Bebito para um banho rápido e providenciaram roupas limpas. Enquanto isso, os colegas riam sem parar, transformando o “incidente” na piada oficial da turma.

Na manhã seguinte, Bebito acordou com uma ressaca monumental — não apenas da bebida, mas da vergonha. Zunguza, com sua sabedoria usual, aproveitou para dar uma lição ao amigo: “Viu, Bebito, compartilhar é sempre melhor. Da próxima vez, pense menos no que é seu e mais no que podemos dividir. Talvez assim a festa seja ainda mais divertida e sem acidentes!”.

E assim, entre risadas e aprendizados, Bebito entendeu que o verdadeiro valor das festas não está apenas no que se consome, mas nos momentos compartilhados. A partir daquele dia, ele se tornou o primeiro a oferecer o que tinha — com moderação, é claro.